

O DOCENTE DE BIBLIOTECONOMIA: CONSTRUINDO SUA AUTO-IMAGEM

MARIA DE LURDES BERTACHINI

O professor de biblioteconomia e sua capacitação para o ensino têm sido minha preocupação e, por isso, tenho pesquisado o assunto. Observa-se na literatura nacional muitos trabalhos cuja ênfase é a formação do profissional, a educação continuada do bibliotecário e sua adequação às exigências do mercado de trabalho em contínua mudança, o perfil dos novos profissionais da informação etc.

A leitura do artigo de Marta Valentim, *Assumindo um novo paradigma na biblioteconomia*, que fala das mudanças ocorridas nos padrões da atividade biblioteconômica no Brasil, desde a regulamentação da profissão até os dias atuais, foi bastante reveladora para mim, levando-me a refletir também sobre a mudança de enfoque na formação do profissional e, por conseguinte, sobre uma possível mudança na concepção do currículo de biblioteconomia.

Fala-se muito que a universidade deve mudar sua forma de ensino, passando do *ensinar o que se faz* para o *ensinar como se faz*; que os objetivos dos cursos devem ser formulados claramente em função dos estudantes, e não a

partir do conhecimento dos docentes disponíveis, considerando as realidades mercadológicas etc. (Robredo, p. 26). Ouço constantemente, ainda, ser imputado ao professor a responsabilidade da inadequada formação dos profissionais. Pouco, porém, discute-se sobre a qualificação dos professores e a relação entre a qualidade do ensino e a capacitação docente. Ninguém apresenta a fórmula mágica para que o professor, como formador do novo profissional da informação, seja realmente o *agente* imprescindível do processo de ensino-aprendizagem que, além da formação didático-pedagógica, tenha os conteúdos necessários exigidos pela biblioteconomia atual. Como adquirir os conhecimentos exigidos pelo avanço da tecnologia e pelas mudanças de concepção e de enfoque no “saber fazer”?

Kobashi (p. 2) diz que o ensino universitário não pode ser exclusivamente de natureza técnica, mesmo em cursos profissionalizantes, e que os conteúdos das disciplinas devem ser organizados de modo a privilegiar as “metodologias específicas”, a discussão e reflexão de seus princípios e operações, sem anular o “fazer”, mas repensando-

o de forma teórico-reflexiva.

Pensa-se, ainda, que a busca da melhoria do ensino deve necessariamente passar pela formação de docentes capazes de promover um ensino realmente renovado. Onde se dá a formação desses docentes? Invariavelmente, através de uma única modalidade de ensino, a pós-graduação *strictu sensu*, que busca reunir e integrar pesquisadores e docentes no desenvolvimento de conhecimentos, enquanto a pós-graduação *lato sensu* deveria estar investindo na capacitação de pessoal para o saber fazer.

A capacitação docente, segundo creio, deve se dar fundamentalmente no mestrado e no doutorado, espaço em que o processo reflexivo se desencadeia efetivamente, e no qual o indivíduo deve adquirir qualificações para a geração de conhecimento (através da pesquisa) e para a docência. A complementação de conhecimentos e a atualização de conteúdos e assuntos emergentes devem ser objeto de cursos de curta duração, de aperfeiçoamento e de especialização.

Em artigo que trata da educação do educador, Severino (p. 33) coloca que essa é uma tarefa que pressupõe a necessidade do professor adquirir, de forma harmoniosa e complementar, o domínio de três dimensões:

1. Dimensão dos conteúdos: relacionada com o domínio de conhecimentos específicos, referindo-se à formação cultural, técnica e científica do indivíduo;

2. Dimensão das habilidades didáticas:

considera o domínio dos instrumentos técnicos e metodológicos necessários para a prática docente;

3. Dimensão das relações situacionais ou político-sociais: domínio do conhecimento de si mesmo, dos outros, do mundo e de suas relações recíprocas, além da percepção clara do processo educacional.

Com referência à primeira dimensão, o professor tem procurado na pós-graduação *strictu sensu* a base para a sua formação, o que é comprovado por pesquisa sobre o corpo docente das escolas brasileiras que, até 1994, tinha cerca de 51% de professores com título de mestre, embora apenas 9% eram doutores e 4%, pós-doutores, porcentagens ainda muito baixas (Bertachini, p. 90-1). Considerando que a carreira docente se inicia com o mestrado, pode-se afirmar que os cursos de biblioteconomia ainda estão em fase de capacitação de recursos humanos ou, por outra, que os professores ainda estão em formação. Podemos também ser radicais, afirmando que não estamos prontos para o ensino.

Quanto à obtenção de conhecimentos voltados para a operacionalização de serviços (a capacitação para o saber fazer), observa-se que são poucas ou raras as oportunidades que o professor tem para realizar um curso de pós-graduação *lato sensu*, seja por falta de estímulo de sua instituição, por falta de tempo, devido às inúmeras atividades administrativas que exerce, por desinteresse na profissão ou pela inexistência de cursos que efetivamente preencham a necessidade de conteúdos atualizados ou especializados. De acordo com a pesquisa citada,

poucos realizaram cursos de aperfeiçoamento e especialização (cerca de 20% e 37%, respectivamente).

No que se refere ao domínio de habilidades didáticas, por mais que se insista que o desempenho no magistério depende de *dons naturais*, e por mais que se queira aceitar como verdade essa afirmação, hoje não se pode mais admitir o exercício dessa complexa profissão em bases *amadorísticas*. *O professor é o agente de mediação do processo de conscientização / aprendizagem*, o que dá extrema importância e muita responsabilidade à didática na sua formação e atividades (Severino, p. 34).

Os professores de biblioteconomia que nos formaram exerciam o magistério exatamente nas bases citadas. Certamente, a prática docente exigia deles um esforço pessoal enorme e grande dedicação e, em troca, dava-lhes a satisfação de terem cumprido o dever e trabalhado por um ideal. Essa é a imagem que temos de nossos professores.

Como a graduação não prepara profissionais para o ensino, para o professor com formação em biblioteconomia existem poucas chances de obtenção de habilidades didáticas: ou as consegue em cursos de pós-graduação — que nem sempre oferecem disciplinas específicas nessa área —, em cursos de especialização em metodologia do ensino — raros, dispersos e mal divulgados —, em cursos de curta duração — desenvolvidos para profissionais diversos sem um direcionamento específico —, ou ainda de forma autodidata — leituras, conversas com educadores etc. As instituições de ensino têm demonstrado

interesse na formação dos seus docentes, principalmente em relação ao mestrado, porém o interesse não é tão marcante quanto a outros cursos.

Os problemas econômicos atingem todos os segmentos da sociedade e também as universidades e instituições de ensino. Assim, a participação em eventos e cursos depende quase exclusivamente do bolso de cada professor. Apesar do interesse aparente em fomentar a qualidade de ensino, as instituições esquecem que, para isso, é necessário investir em capacitação de recursos humanos. É necessário, portanto, criar mecanismos institucionais que promovam efetivamente a *capacitação docente* em função de um ensino de qualidade, apto para formar o tão falado moderno profissional da informação. Enfim, é urgente fomentar reflexões mais profundas, ampliando essa discussão, tão importante para nós, educadores.

E quanto à auto-imagem do professor? Para mim, é a representação de si mesmo, isto é, a soma das suas atitudes, opiniões e valores diante de sua atividade docente. Tanto a imagem externa do professor quanto sua auto-imagem devem ser discutidas considerando-se, em primeiro lugar, sua formação ou sua capacitação para a docência, partindo, depois, para a análise de suas atitudes frente à docência. Entendo que enquanto não discutirmos com profundidade a problemática de nossa formação; enquanto não tivermos claro como deve ser essa formação; enquanto não tivermos segurança de quem realmente somos e qual ensino praticamos, não poderemos falar de nossas atitudes frente à docência. Para mim, esse é o caminho para a construção da auto-imagem

do professor.

1983.

Deixo, no entanto, alguns pontos referentes às atitudes dos docentes que deveriam ser objeto de reflexão e discussão: interesse e apatia docente; acomodação e criatividade; trabalho docente mais especulativo (investigativo); saber aprender com o aluno ou aprender a aprender; entender que o professor faz parte do processo de ensino; necessidade de atualização constante.

Há, ainda, uma pergunta para a qual não consegui elaborar resposta satisfatória: a quem cabe a responsabilidade pela formação de profissionais que se mostram pouco preparados, ou seja, que frente ao mercado de trabalho mostram de forma clara e constrangedora para nós deficiências no domínio de conteúdos elementares para a prática da profissão? Às escolas? Aos professores? Ao currículo? Aos próprios alunos?

ROBREDO, J. _____. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, ____

SEVERINO, A. J. A formação do educador: pressupostos filosóficos e implicações curriculares. *Ande*, São Paulo, v. 10, n. 17, p. 29-40, 1991.

VALENTIM, Marta L. P. Assumindo um novo paradigma na biblioteconomia. *Informação & Informação*, Londrina, n. 0, p. 2-6, jul./dez. 1995.

(1) Professora da UNESP, Marília.

Bibliografia

BERTACHINI, M. de L. Caracterização do corpo docente das escolas brasileiras de biblioteconomia. *Cadernos da F.F.C.*, Marília, v. 4, n. 1, p. 82-105, 1995.

CÓ, Christina. Para una reflexión sobre formación de educadores/as. *Espaços na Escola*, Ijuí, v. 4, n. 15, p. 45-51, jan./mar. 1995.

KOBASHI, Nair Y. *Capacitação docente em biblioteconomia*. São Paulo, 1992. mimeogr.

OLIVEIRA, Zita C. P. de. *O bibliotecário e sua auto-imagem*. São Paulo: Pioneira,